



## Autismo e ponto crítico

Durval Checchinato

A psicanálise parte de:

- o ser humano é um *fal'ente*.
- Ele tem de deixar a ordem da natureza (instinto) para viver na ordem da cultura, do simbólico da linguagem.
- Essa passagem é possível porque sua energia, a pulsão, é neutra, plástica, moldável e pode se transformar em cultura ou civilização. Isto é, essa “energia” goza do dom de sublimar-se.
- O ser humano é uma criatura extremamente frágil. Do ponto de vista biológico nasce incompleto, sem mielinização de seus nervos. Verdadeiramente um prematuro. Do ponto de vista psíquico, absoluta dependência de quem o acolhe ao nascimento. *Hilflösigkeit*, dizia Freud, “helplessness”.
- Por isso, a melhor e mais perfeita definição do ser humano: “falta-para-ser” (Lacan) – sua humilhação e grandeza!
- Como a pulsão, pulsão de vida, estruturalmente apta a procurar satisfação, nasce neutra, pura em sua origem. O encaminhamento dela depende, de modo geral, do pai e da mãe que recebem a criança.
- A criança, em virtude da moldagem da pulsão que nasce indistinta, não cabe outro destino senão ser sintoma do pai e da mãe, para o bem ou para o sofrimento.
- Portanto, todo e qualquer problema ou sofrimento psíquico da criança decorrem, têm como causa, a maneira como os pais a acolhem ou a rejeitam.
- Lacan, logicamente, afirma: “o que a psicanálise prova é que não há psicogênese”.
- A psicanálise cuida da facticidade. Não faz hipótese nem trabalha com o futuro do pretérito.
- A psicanálise é análise do real: “o real é o racional e o racional é o real”.
- “Psicanálise é clínica do real enquanto insuportável” (Lacan).
- A psicanálise é uma ciência e uma prática clínica cujo objetivo é único: a busca da verdade. Do sujeito. Um projeto das Luzes.
- A psicanálise é projeto de libertação (Lacan) e conquista de viver em liberdade.
- A psicanálise é um procedimento de reconstrução de vida.
- O sintoma tem uma causa. É um cifrado que a psicanálise tem a virtualidade de o decifrar.
- O sintoma é um significante (“enigma”) que representa exclusivamente o sujeito para outro significante da cadeia.

—  $\frac{S}{s}$  e  $\$ \diamond a$  são as balizas que conduzem com segurança à descoberta da verdade.

Atravessada a barra e desvendado o objeto-a, a causa é removida, o sintoma desaparece ou perde o comando.

- A cura será sempre a posteriori e apesar do/a psicanalista.
- “A psicanálise cuida da existência não da essência” (Lacan).



- O Nome-do-pai é o grande Outro, aquilo que nomeia a criança como terceiro entre a mãe e o pai.
- O Nome-do-Pai é operador da castração da criança do jugo da mãe.
- O Nome-do-Pai opera a inserção da criança no mundo simbólico.
- O Nome-do-Pai possibilita que a criança  $S_1$  se insira na cadeia significante passando para  $S_2$ .
- O Nome-do-Pai eficaz e eficiente permite a abertura feliz aos “Nomes-do-Pai”.
- “O normal e o anormal dependem da castração” (Lacan).
- Estádio do espelho – texto príncipe de Lacan (S. Leclaire) - 6 a 19 meses – advento do narcisismo primário – mito – a morte.
- Corpo espedaçado – “o sujeito se enxerga redobrado” – “se vê como constituído pela imagem refletida, momentânea, precária do domínio, se imagina homem somente daquele que ele se imagina”.
- Estádio do espelho, encruzilhada fatal – formalismo do ego, formado à imagem do outro – agressividade – conquista de seu lugar diante do outro para não ser destruído – colocação dos objetos de desejo – a escolha se refere ao objeto do desejo do outro.
- Estádio do espelho – primeiro tempo da inteligência – júbilo da criança = “identificação”: “transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem” (Lacan).
- O estádio do espelho – é uma instância crucial para o estabelecimento da subjetividade: no ponto crítico o ser humano se faz Eu porque ele dá um passo da natureza para a cultura – o simbólico. Ele vislumbra uma distinção primeva em que miticamente percebe a diferença em  $i$  (a) e  $i'$  (a). Nesse momento abissal, graças a essa *Urbild* – ideal do Ego, (proto imago) – um *UrIch* se precipita, ele se olha, se identifica, rejubila-se, ri.
- Ego – “o sujeito se confunde com sua imagem” – “na relação com os semelhantes se manifesta a mesma captação imaginária do duplo” – “transitivismo”.
- Ego – desconhecimento crônico – “não poderá reparar seu desejo, senão no desejo do outro”.
- **“Mas aquilo sobre o qual devemos insistir é que não é unicamente à maneira como a mãe se acomoda com a pessoa do pai que conviria se ocupar, mas do caso que ela faz de sua fala, digamos a palavra, de sua autoridade, outramente dito, do lugar que ela reserva ao Nome-do-Pai na promoção da lei” (E.I. p. 579).**
- É sob esses princípios da psicanálise que acolho o sofrimento do autismo.
- O autismo é sintoma de problemas dos pais, principalmente da mãe.

### Ponto crítico

Na exposição sobre o Estádio do Espelho Lacan se refere à Etologia, e eu pretendo colocar um dado dela, específico à posição sexual e em particular, ao tema em pauta, o autismo.

Ponto crítico é um conceito estabelecido pelo etólogo vienense Konrad Lorenz. Ele trabalhou com gansos. Mas a descoberta dele se aplica a quase toda espécie animal. Apenas dois exemplos.

A galinha faz ninho escondido na natureza. Bota por volta de 10 a 12 ovos. Em seguida a “febre” do choco a induz a cobrir os ovos. Após vinte dias os pintinhos nascem (ponto crítico) e ela com os doze volta ao galinheiro. No galinheiro há outras galinhas que chegam com seus pintinhos mas eles não se misturam. Mãe e filhos se “conhecem”.



Lorenz isolou um termo para indicar esse “conhecimento”: “*imprinting*”. Um marco, uma impressão, um “reconhecimento” mútuo. Uma identificação entre mãe e filhos. Logo após o picar dos ovos. E isto nesse momento preciso: ponto crítico. Passado esse momento o “*imprinting*” não ocorre mais. Mãe e filhos não se “conhecerão”. Os pintinhos ficam “perdidos”.

Com a vaca zebu se dá o mesmo fenômeno. Se ao parir ela lambe o resto de placenta no corpo do bezerro, o “*imprinting*” se efetua. É o ponto crítico. Mãe e filho se “conhecerão”, se identificarão para sempre. A vaca e seu filho poderão ser colocados no pasto com muitas vacas paridas e no entanto mãe e filho se identificarão. A mãe repelirá outro bezerro que nela venha mamar, nem o bezerro procurará outra vaca.

Passado o ponto crítico da lambedura do bezerro a mãe o rejeitará. “Bezerro enjeitado”, diz o campeiro. Não houve o “*imprinting*”. Quando morre um bezerro, para a mãe aceitar outro, o campeiro tira o couro do bezerro morto, cobre outro bezerro para ver se a mãe o aceita.

O ser humano não deixa de ser um animal, embora com a promessa de ser um ser racional.

Também em sua evolução, em seu desenvolvimento há dois pontos críticos.

O primeiro, nos primórdios de sua existência prematura, o júbilo na identificação de si mesmo na fase especular. Momento mítico, mas momento de definição subjetiva. Aqui também uma fêmea e seu filhote. Ponto crítico, tudo depende do reconhecimento dele para que o “*imprinting*” de sua subjetividade terceira ocorra.

O segundo é o “*imprinting*” de sua identificação sexual: sua posição sexual (“*sexuação*”). Única, subjetiva, indelével, imutável. Ponto crítico seria por volta dos cinco anos. Mítico, pois se perde no abismo da história inconsciente. “O ser, sexuado não se prova senão por ele mesmo” (Lacan). Nada mais clinicamente lúcido!!

A alternância do ir e vir da mãe possibilita que a criança internalize uma dupla operação: a separação e a alienação. “A separação opera-se, escreve Aurélio Souza a partir do texto “*Posição do inconsciente*” dos Escritos de Lacan, pela “*posição do sujeito a partir da queda do objeto-a*”. Ao sujeito que aparece primeiro no Outro como  $S_1$  pela queda do objeto-a, possibilita-se-lhe ser representado pelo outro significante,  $S_2$ , que tem por efeito a *afânise*”... “No entanto, para que o sujeito se constitua, isto é, tenha representação no Outro, será necessário a presença do significante  $S_2$ , pois na sua falta, o ser humano se transforma num escravo do significante mestre, vê-se submetido aos caprichos desta cadeia constituída por  $S_1$  e arrastado para todas as direções”. Este é o processo da alienação: a entrada na cadeia significante. É o *fort da* de Freud. “A primeira alienação é o fato do sujeito. No campo dos objetos, nenhuma relação é concebível que engendra a alienação, senão aquela do significante... Um sujeito não se impõe senão com aquilo que ele tenha no mundo dos significantes que não querem nada dizer e que são para ser decifrados” (E. I. 840).

Nesse processo estrutural da subjetividade humana, continua Aurélio Souza a separação entre mãe e filho é complexa: “separação entre objeto buscado e objeto encontrado”, “entre representação e percepção do objeto”, “entre a satisfação esperada e a satisfação obtida”. E acrescenta: “Outra condição que demonstra esta discordância decorre do fato de que ao atender o filho, a mãe não age em função da pura e simples necessidade dela, mas em função de seu desejo materno. Isto quer dizer que atender à demanda da criança depende do desejo e, conseqüentemente, do fantasma materno que o





sustenta. Ao mesmo tempo em que a mãe satisfaz a criança conforta seu fantasma, “dá-se amor de fantasma”.

Aurélio continua: “Na relação primordial com a mãe, a criança está sob a lei da mãe (Lacan), uma lei incontrolada que tem o poder de conduzir a criança e fazer dela o que quiser. Nesta posição de “assujeito”, o filho não tem lugar no grande Outro, está completamente dependente do “bem ou mal querer da mãe” e experimenta um profundo sentimento de estar assujeitado aos caprichos desta” (A Metáfora Paterna – A. Souza – passim).

Partimos sempre da ideia que a criança é sintoma de problemas dos pais. Segundo: ... “tudo depende do caso que a mãe faz da palavra do pai” (Lacan). “A presença do significante Nome-do-Pai” determina a substituição do significante desejo-da-mãe, produzindo uma nova simbolização” (id.ib.).

Colocados esses princípios caros à psicanálise venhamos ao autismo.

Lacan, no Estádio do Espelho, deu “grande importância a esse tempo de reconhecimento do Outro da imagem especular, esse momento (“ponto crítico”) em que a criança se vira para o adulto que o sustenta, que o carrega, e lhe demanda de ratificar pelo olhar aquilo que ele percebe no espelho como assunção de uma imagem, de um domínio ainda não chegado. A ausência da dimensão simbólica e imaginária dessa imagem real deixa a criança sem imagem do corpo, tornando problemática sua vivência da unidade do corpo. Essa ausência da imagem do corpo, bloqueará a reversibilidade possível da libido do corpo próprio à queda do objeto-a”.

“Ao mesmo tempo torna impossível a passagem entre  $i(a)$  e  $i'(a)$ , não deixando como futuro da libido da criança senão o fechamento no corpo próprio das mutilações”.

Ponto crítico, separação e alienação: “Mas o que é essencial no triunfo da assunção do corpo no espelho, é que a criança carregada por sua mãe, cujo olhar a olha, se vira para ela como para lhe pedir de autenticar sua descoberta. É o reconhecimento de sua mãe: “Sim, é você, Pedro, meu filho” que de um “é você” dará um “é Eu”.

“Na identificação ao espelho, não é jamais com seu próprio olho que a criança se vê, mas sempre com o olho da pessoa que o ama ou detesta”.

“Esse sinal de reconhecimento da mãe com direito (ou defesa, aliás) de se chamar Pedro, vai funcionar como traço unário a partir do qual vai se constituir o ideal de ego. É nisso que mesmo o cego (!! ) é aí sujeito de se saber objeto do olhar”.

“Mas se o Estádio do Espelho é a aventura original por onde o homem pela primeira vez faz a experiência de que ele é homem, é também na imagem do outro (outro do espelho) que ele se reconhece. É enquanto outro que ele se vê primeiramente e se prova”. (Dictionnaire de la Psychanalyse – R. Chemama – verbete: “autisme” passim).

### Conclusão:

A loucura – a psicose – (*Verwerfug* – forclusão) – consiste na tragédia em que, em geral antes dos 5 anos, por falha na função do Nome-do-Pai, um significante falta e o sujeito fica sem representação, um vácuo em sua cadeia significante e ele fica sem poder se encontrar na função simbólica. Ele é radicalmente despossuído de um significante da cadeia. No lugar dessa ausência vêm o delírio ou a alucinação. O segredo do tratamento consiste em entender a mensagem do delírio, “descer” ao momento histórico da forclusão e fazer uma “ponte” sobre o abismo da falha do significante. É por esse



processo se o paciente for acudido no início da psicotização, que a psicanálise pode propiciar a “cura” do louco/a.

O autismo é de outra ordem.

No momento preciso do ponto crítico, no instante mítico da identificação antecipada do corpo espedaçado como unidade, falta o reconhecimento da imagem como dela. A criança fica estacionada no não-comparecimento do reconhecimento da mãe, permanece presa nela e não consegue operar a queda integral do objeto-a. A intervenção do Nome-do-Pai falhou, não acudiu no ponto crítico: ou porque o Pai não se apresentou ou porque a mãe não O levou em conta. A criança fica prisioneira do  $S_1$ , não consegue dar sequência à sua identidade esfumada, por não entrar plenamente no  $S_2$ ... “na sua falta ( $S_2$ ) o ser humano se transforma num escravo do significante mestre, vê-se submetido aos caprichos da cadeia  $S_1$  e arrastado para todas as direções”. “Faltará o traço unário da identidade”. E por não efetuar passagem clara enfrenta obstáculo real para entrar nas “avenidas ou desfiladeiros” (Lacan) do significante

Literalmente, por falta de um “imprinting”, a criança fica “enroscada” no  $S_1$  e daí decorrem sintomas como dificuldade de compreensão do sentido figurado, comportamentos repetitivos, interesse obsessivo por um objeto ou assunto, uma atividade, uma ação, sensibilidade aguda diante de um ruído ou o inesperado, dificuldade na aprendizagem, sobretudo ansiedade diante do novo... O prazer do corpo e o gozo “*hors-corps*” se complicam numa indefinição do gozo fálico. A falha do operador Nome-do-Pai, obstaculiza a identificação do sujeito diante dos Nomes-do-Pai.

### O simbólico não acode.

De outro lado as limitações provindas do imaginário.

Tudo decorre da não-realização de uma *UrImago* benfazeja, de não ter conseguido a passagem do  $i$  (a) e  $i'$  (a). O Eu se forma de maneira difusa e “fumaçada” porque o narcisismo primário se instala mal e o Ego não tem consistência. O corpo próprio não se autentifica porque o sujeito não consegue operar a unidade antecipada do corpo espedaçado.

Daí decorrem sintomas como agressões, automutilações, dificuldade de interações sociais, dificuldade em estabelecer amizades...

Simbólico e imaginário falham porque falha o real. “Pedro”, simplesmente “meu filho” e não objeto de manipulação ou gozo. Falhou o Nome-do-Pai. O ordenador da pulsão... “Que o Outro seja para o sujeito o lugar de sua causa significante, não faz aqui se não motivar a razão porque nenhum sujeito não pode ser causa de si” (E.I. p. 841).

Concluo que o/a autista é sintoma dos pais. Tratar os pais, acudir os pais, escutá-los integralmente, análise dos pais, do histórico, mesmo antes de eles se conhecerem, o histórico estrito do desejo deles de ter um “Pedro”, a concepção de “Pedro”, a gestação de “Pedro”, o acolhimento de “Pedro” ao nascer, os dias que seguiram ao seu nascimento, o “encontro” da mãe e “Pedro”, a presença do pai de “Pedro”, a mãe a olhá-lo enquanto o amamenta, a presença e a ausência dela...

Hoje, na anamnese, prestaria especial atenção à epigenética

A análise dos pais muito pode contribuir, mas o autismo, no ponto crítico, é um marco, histórico, na alma, uma falha na *UrImago*, no *Urlch* que ficará no psíquico e dificulta ou tira a reversibilidade da libido e daí os sintomas a “tamponar” a angústia de



existir. Como proporcionar que o sujeito por sua vez supere essa UrImago e esse UrIch e a reversibilidade reverbere, revigore em sempre novas autentificações?

Num determinado momento – ponto crítico - a mãe “não levou” em conta o Nome-do-Pai, “sua autoridade”, não houve queda plena do objeto-a, ele ficou na penumbra do desejo materno e, frágil, sua volta no fantasma não propicia a arrancada do sujeito na sua autonomia subjetiva do desejo próprio. A fragilidade da reversibilidade induz o isolamento na comunidade como o fechamento num corpo não-próprio. A debilidade no retorno do fantasma da “sombra da sombra do objeto-a” (Lacan) fragiliza a reversibilidade tanto na identificação subjetiva, na internalização dela, quanto na identificação do outro e convivência com ele.

Não existe autismo para a psicanálise. Existe um sujeito, único/a, histórico/a, autista. Como acolhê-lo/a, escutá-lo/a na sua “dor” original “de existir”? (F. Pessoa). Ou, como acolher e escutar seus pais?

Fique claro: Trata-se de um fato inconsciente, uma engramação, um significante, um registro do processo primário. Não caem sob o sofrimento em pauta: “vontade de gozo”, intencionalidade consciente, culpa ou culpabilização. Responsabilidade sim, não há como fugir dos caminhos ou dos descaminhos vividos da pulsão. É preciso operar a castração possível.

É preciso acreditar! “O ser humano é um mistério” (Lacan). A pulsão de cada sujeito focada integralmente em suas potencialidades.

Novembro/2023